

Estudios Interdisciplinarios de Historia

ANTIGUA IV

Cecilia Ames
Marta Sagristani

(compiladoras)



Um Imperador e dois documentos textuais: o governo de Marco Aurélio e sua representação nas obras de Herodiano e Dion Cássio

Ana Teresa Marques Gonçalves
Universidade Federal de Goiás - Brasil

Georges Duby (1993, 99), num livro traduzido para o português em 1993 e intitulado *A História Continua*, no qual mescla o relato de sua experiência acadêmica com pressupostos metodológicos e teóricos que balizaram suas pesquisas, afirma com certa ironia:

Até então eu esperava dos documentos que me ensinassem a verdade dos fatos, cuja lembrança tinham por missão preservar. Logo verifiquei que esta verdade é inacessível e que o historiador só tem oportunidade de aproximar-se dela em nível intermediário, na altura de testemunha, questionando-se não sobre os fatos que relata, mas sobre a maneira como os relatou.

Neste texto, propomo-nos a analisar de forma comparativa dois relatos produzidos na passagem do II para o III século d.C. sobre o governo do Imperador Marco Aurélio. Cada autor selecionou os fatos a serem narrados e a forma como seriam expressos e integrados em suas narrativas, reproduzindo preocupações características de seu contexto de produção dos discursos, ou seja, os governos severianos e o período que o sucede, por vezes denominado pela historiografia de Anarquia Militar. Interessante ressaltar que ambos autores vivenciaram o governo que narram e o indicam como importante momento de inflexão na condução do Império Romano.

Muito pouco se sabe sobre a vida de Herodiano, o que faz com que os historiadores que trabalham com a sua obra, intitulada *História do Império Romano Após Marco Aurélio*, estejam sempre situados no campo das hipóteses. Atualmente acredita-se que ele tenha nascido por volta de 180 d.C. na região oriental do Império. Para Santo Mazzarino (1974, 200), ele seria sírio; já para Filippo Cassola (1967, 9), responsável pela tradução italiana da obra de Herodiano, ele seria da Ásia Menor, possivelmente de alguma cidade da Anatólia, possibilidade esta que também é defendida por Juan J. Torres Esbarranch (1985, 26), o tradutor da edição espanhola, e por Denis Roques (1990, 4), tradutor da edição francesa, que após apresentarem várias hipóteses para o lugar de nascimento de Herodiano, como a própria Grécia, a cidade de Antioquia na Síria, a cidade de Alexandria no Egito, entre outras, optam por crer que ele seria mesmo de alguma cidade da Ásia Menor, devido ao fato dele ter das paisagens desta região um conhecimento mais preciso que de todas as outras regiões citadas em sua obra. Todas estas possibilidades se baseiam no fato dele ter escrito em grego, ou

melhor dizendo, utilizando a *koiné*. Ele deve ter falecido na mesma região em torno do ano de 250 d.C.

Sua condição social também é absolutamente incerta, mas na sua própria obra ele afirma que exerceu várias funções imperiais ou públicas, durante as quais foi testemunha de vários fatos que constituíram o objeto de sua narrativa. Afirma Herodiano: “Escrevi uma história sobre os fatos posteriores à morte de Marco Aurélio, que vi e escutei durante toda a minha vida. E participei diretamente de alguns deles em meus ofícios à dispensa do Estado e do Príncipe (Basilikais e demoniais)” (Herodiano, *História do Império Romano Após Marco Aurélio*, I.2.5). Portanto, funções públicas exercidas em nome do Imperador fora de Roma ou funções públicas exercidas em Roma por indicação do Príncipe. Poderiam ser também funções exercidas no interior do Palácio, como membro da *aula caesaris*.

No livro *O Fim do Mundo Antigo*, Santo Mazzarino (1991, 41) afirma:

Mas o conceito da decadência do império não chegou a ser abandonado; as antigas classes dirigentes, pagãs e admiradoras de Marco Aurélio diziam que uma idade de ferro tivera início com o advento de Cômodo (...). Herodiano, outro historiador (talvez um liberto imperial) que viveu em Roma nesse período, também achava que a morte de Marco Aurélio marcava o início de uma época de decadência.

Em seu outro livro, *Il Pensiero Storico Classico*, Mazzarino (1974, 204) além de defender a condição de liberto de Herodiano, acrescenta: “Este (Herodiano) não era senador: fazia parte do pessoal de corte, que era visto em Roma durante a idade de Cômodo e dos Severos”.

Opinião esta compartilhada por Denis Roques. Para este autor, Herodiano poderia ser um liberto imperial por diversos motivos: os termos gregos que ele utiliza para definir suas funções junto ao Imperador caracterizariam funções subalternas e não postos de alta responsabilidade; ele estaria vinculado diretamente aos serviços que dependiam de ordens expressas do governante para serem executados; ele faz severas críticas ao Senado e à Corte em sua obra; ele conhecia bem o mundo provincial, possivelmente por ter sido obrigado a efetuar missões fora de Roma, a título pessoal ou acompanhando importantes personalidades. Segundo Denis Roques (1990, 5-6), Herodiano só estaria presente em Roma nos seguintes períodos: 188-193, 204-205, 211-212, 217-222, 238 d.C. Entre estes lapsos de tempo, ele estaria em missões provinciais, pois desconhece fatos importantes ocorridos na capital entre estes períodos cronológicos. Desta forma, seus estranhos silêncios de informações seriam motivados pelas ausências de Roma, que as obrigações profissionais impunham a Herodiano,

e não uma seleção de conteúdo efetivada pelo autor antigo. Ele teria exercido estas funções até 238 d.C., visto que até este ano o seu relato apresenta boas informações a respeito dos eventos ocorridos em Roma. Como 238 é o limite cronológico final de sua obra, pode-se crer que ele a compôs quando se afastou dos negócios públicos e voltou a residir no Oriente.

Já para Torres Esbarranch (1985, 29), Herodiano seguia uma linha de pensamento comum aos grupos sociais emergentes, ligados às ordens senatorial e equestre:

É bem conhecido, sem dúvida, que a historiografia romana tem uma larga tradição de escritores que, ainda que eles mesmos não fossem senadores, contaram com o patronato de famílias senatoriais. No século III houve uma grande mobilidade social na ordem senatorial com a ascensão dos equestres, e nem todos os senadores coincidiam em suas opiniões; não havia uma postura única representativa da ordem senatorial, pelo que podemos pensar que Herodiano e Dion Cássio eram representantes de tendências diferentes. Dion refletiria a forma de pensar da antiga elite senatorial, enquanto Herodiano estaria mais perto dos setores novos do Senado e da ordem equestre.

Filippo Cassola (1967, 9), por sua vez, também não se arrisca a afirmar de que grupo social poderia ter vindo Herodiano. Ele apenas apresenta várias hipóteses, que não diferem das defendidas acima, e ressalta que Herodiano não chegou a ocupar nenhuma função de grau elevado dentro do serviço do Imperador, visto que não se diz um magistrado, mas sim um funcionário, alguém que ocupou ofícios, que possivelmente deve ter trabalhado também para outras autoridades romanas, além do Imperador, dentro e fora da cidade de Roma.

Provavelmente, Herodiano produziu e conseguiu publicar sua obra no governo de Filipe, o Árabe, pois durante este período ocorreu uma ocasião extraordinariamente oportuna para que os escritores contassem com o apoio imperial para a publicação de suas obras. Referimo-nos à ocorrência dos Jogos Seculares de 248 d.C., para celebrar o milenário da fundação de Roma. Os Imperadores mantinham ainda a esta época o costume de durante a execução dos Jogos publicar, às suas expensas, obras cujo tema fosse a História de Roma.

A obra de Herodiano consta de oito livros, que devem ter sido publicados separadamente ao longo dos anos de 244 a 249 d.C., aproveitando, então, o patrocínio imperial dos anos próximos a 248 d.C. Todos os livros se iniciam com um resumo do livro anterior; prática esta comum, quando os livros eram publicados em separado, para que o público não perdesse o fio condutor do que estava sendo contado pelo autor.

Já o período de vida de Dion Cássio Cocceiano se estendeu provavelmente de 150 a 235 d.C. Era filho do Governador da Cilícia e foi feito Governador de Pérgamo e de Smyrna. Foi Cônsul em 220 d.C., Procônsul na África, Governador da Dalmácia e da Panônia e Cônsul

novamente em 229 d.C., como o próprio Dion indica na sua obra. Assim, vê-se como foi um homem acostumado a cargos importantes e capazes de fazerem a ponte entre a capital e os provinciais. Acreditamos que esta experiência se refletiu em sua obra, pois ela contém inúmeros dados sobre a relação dos Príncipes com os Senadores em Roma e com as elites provinciais.

Sua obra nos chegou por meio de onze manuscritos produzidos no século XI, que copiavam extensas e diversas partes de sua narrativa. A maior parte do texto que compõe a obra diônea foi recuperada dos epitomes dos monges bizantinos João Xiphilino, monge copista em Constantinopla, e Zonaras, secretário do Imperador Alexis I e monge copista do Mosteiro de Athos. Pelos fragmentos dos primeiros livros, percebe-se que a narrativa começa com a chegada de Enéias à Península Itálica, prolonga-se para a descrição do sistema de Realeza e se estende até as primeiras conquistas territoriais romanas. Dion chega a citar diretamente Plutarco, para falar de Pirro (Dion Cássio, *História Romana*, IX.8.2).

Na edição da LOEB, os nove volumes têm seu conteúdo dividido da seguinte forma: Volume 1 – fragmentos dos livros I a XI (753 a 250 a.C.); Volume 2 – Fragmentos dos livros XII a XXXV (250 a 85 a.C.); Volume 3 – livros XXXVI a XL (69 a 50 a.C.); Volume 4 – livros XLI a XLV (49 a 43 a.C.); Volume 5 – livros XLVI a L (43 a 31 a.C.); Volume 6 – livros LI a LV (31 a.C. a 8 d.C.); Volume 7 – livros e fragmentos de LVI a LX (9 a 46 d.C.); Volume 8 – epitome dos livros LXI a LXX (47 a 138 d.C.); e Volume 9 – epitome dos livros LXXI a LXXX (161 A 229 d.C.). Isto porque a tradução de Earnest Cary se baseou na tradução anterior para o inglês de 1905 de Herbert Baldwin Foster, que por sua vez tomou por base traduções francesas e alemãs.

Lembremos que Dion Cássio, ao ter nascido na cidade de Nicéia na Bitínia, ou seja, na região da Ásia Menor, encaixa-se perfeitamente na figura de um membro de uma elite provincial que passou a ocupar, durante o governo de Cômodo, uma posição de destaque no Senado de Roma. No dizer de André Chastagnol (1970, 314) e Eugène Cizek (1990, 160), apesar da inserção de novos membros no Senado, a *forma mentis* senatorial não desapareceu. Os senadores continuaram se distinguindo do resto da população por sua forma de vida e suas aspirações. Era o orgulho dos *patres* e seu prestígio que os mantinham coesos, apesar da diversidade crescente de sua origem territorial. Com a entrada de tantos “novatos”, foram os costumes ancestrais e uma ética particular, baseada principalmente nos princípios estóicos, que lhes garantiram um mínimo de coerência social e de espírito de corpo. Pertencer ao grupo senatorial era compartilhar noções morais e culturais tão antigas quanto o surgimento do primeiro Senado.

Como afirma Martin Hose (2007, 461-467), no artigo “Cassius Dio: A Senator and Historian in the Age of Anxiety”, parte integrante do livro *A Companion to Greek and Roman Historiography*, editado por John Marincola, Dion viu-se confrontado por um problema na composição interna de seu trabalho no III século d.C.: prévios paradigmas de interpretação da história romana tornaram-se impraticáveis depois das guerras civis, que se estenderam de 193 a 197 d.C. Após a violência ocorrida, ele percebeu que as ações humanas eram impulsionadas pela avareza, pela ambição e pelo medo. Para Dion, os conflitos eram explicáveis como expressões do poder político.

Segundo Lucas De Blois (1994, 167), Otávio Augusto e Marco Aurélio seriam os exemplos de bons Imperadores, na obra diônea, e por isso serviriam como modelos de aplicação das virtudes tradicionais e das qualidades necessárias para a prática política à frente do Império Romano. O próprio título da obra de Herodiano, *História do Império Romano Após Marco Aurélio*, reflete o mesmo tipo de pensamento, pois o autor estende sua narrativa do final do governo de Marco, apresentado como referência do desequilíbrio institucional que marcaria o Império Romano, até a ascensão de Gordiano III, um *Princeps Puer* de apenas treze anos de idade ao comando imperial (Herodiano, *História do Império Romano Após Marco Aurélio*, VIII.8.8).

Assim, os sucessores de Marco tiveram a árdua tarefa de garantir a estabilidade frente a fortes modelos já construídos. Mas a necessidade de criarem uma autoridade própria, capaz de fazê-los governar, teria conduzido-os a se afastarem de algumas práticas encaradas por Dion e Herodiano como salutares na condução do Império.

Marco Aurélio é apresentado na obra herodiânea como um *Princeps* cujo comportamento serviu de modelo e de critério de comparação para os Imperadores posteriores. Em várias passagens, Herodiano¹ enfatiza a imitação que alguns dos soberanos diziam fazer da figura idealizada de Marco. Citemos algumas estas passagens: “Dava prazer aos mais velhos recordar o Império de Marco, cuja imitação (Pertinax) procurava” (Herodiano. *História do Império Romano Após Marco Aurélio*, II.4.2); “(Severo) tudo faria para imitar o Império de Marco” (Herodiano, *História do Império Romano Após Marco*

¹ Utilizamos as seguintes traduções para as obras de Herodiano e Dion Cássio: Cassio Dione. *Storia Romana*. Trad. Giuseppe Norcio. Milano: BUR, 1996. (edição grego-italiano); Dion Cassio. *Historia Romana*. Trad. José Maria Candau Morón e Maria Luisa Puertas Castaños. Madrid: Gredos, 2004; *Dio's Roman History*. Trad. Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961. (The Loeb Classical Library) (edição grego-inglês); Herodiano. *Storia dell'Impero Romano dopo Marco Aurelio*. Testo e versione di Filippo Cassola. Firenze: Sansoni, 1967; Herodiano. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985; Hérodién. *Histoire de l'Empire Romain après Marc-Aurèle*. Traduit et commenté par Denis Roques. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

Aurélio, II.14.3); “Com estas posturas, (Macrino) tratava de imitar, seguramente, os hábitos de Marco, mas nos restantes aspectos de sua vida não o imitava, mas ao contrário, se abandonava continuamente a uma vida de moleza (...), descuidando da administração do Estado” (Herodiano, *História do Império Romano Após Marco Aurélio*, V.2.4).

Estas posturas às quais Herodiano se refere eram alguns cuidados corporais adotados por Macrino, como o cultivo de uma barba, a marca dos filósofos, o andar pausado e a voz baixa, sinais de um temperamento tranquilo. Macrino buscava, assim, expressar por ações corporais o fato de buscar ter uma postura parecida com a de Marco Aurélio.

Num discurso proferido por Septímio Severo para os soldados, incitando-os a combater as tropas de Pescênio Nigro, encontra-se a melhor demonstração de que para Herodiano, após o governo de Marco Aurélio, o Império Romano havia mergulhado num período bastante conturbado:

Este Império foi governado com dignidade até a época de Marco, e era admirado com respeito. Quando caiu nas mãos de Cômodo começaram os erros, imputáveis à sua juventude, mas em todo o caso foram ocultados pela sua nobre origem e pela memória de seu pai. Seus erros inspiravam mais compaixão que ódio, pois eram atribuídos não a ele, mas aos seus aduladores e conselheiros e cúmplices de suas infâmias (Herodiano, *História do Império Romano Após Marco Aurélio*, II.10.3).

Para Herodiano,

Os Imperadores de idade mais avançada, por sua experiência nos assuntos públicos, com suma diligência mantiveram o controle sobre si mesmos e sobre seus súditos, mas os que eram muito jovens, levando uma vida mais despreocupada, introduziram todo tipo de novidades; por isso, como é natural, a diferença de idade e de autoridade se traduziu em atuações diferentes” (Herodiano, *História do Império Romano Após Marco Aurélio*, I.1.6).

Não à toa finda seu relato com a ascensão de um soberano por demais jovem e inexperiente, incapaz de garantir a estabilidade imperial. Dion Cássio é ainda mais direto ao ver na passagem do governo de Marco para o de Cômodo um momento de reformulação profunda na disposição do poder: “Em nosso relato, agora (com a morte de Marco) passamos de um governo de ouro para um de ferro e ferrugem, que afeta os romanos até nossos dias” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.36.4).

Tanto Herodiano quanto Dion identificam após o governo de Otávio a formação de uma monarquia (Herodiano, *História do Império Romano após Marco Aurélio*, I.1.3; Dion Cássio, *História Romana*, XLIV.2.2), o poder autocrático de um só homem orientando os

destinos do Estado. Porém, para Herodiano, após Marco, o cargo imperial perdeu sua função estabilizadora e os problemas se avolumaram:

*Se de fato se comparasse todo o período transcorrido entre o governo de Augusto, quando o Estado romano tornou-se uma monarquia, e o governo de Marco (portanto, mais ou menos duzentos anos), não se achariam tão frequentes crises dinásticas, nem agitações provocadas por guerras externas e civis, nem tantas rebeliões nas províncias, nem tantas capitulações de cidades (seja em nosso território ou em terras bárbaras), nem tantos terremotos e pestilências (...). Por isso, alguns governaram por um tempo considerável, enquanto outros tiveram um poder efêmero. Alguns após terem conseguido um título e uma imagem de autoridade, rapidamente caíram (Herodiano, *História do Império Romano após Marco Aurélio*, I.I.4-5).*

Marco teve seis filhas, mas apenas dois filhos varões, sendo que Veríssimo morreu quando ainda era muito jovem, só lhe restando um herdeiro masculino, Cômodo, que teria sido educado com muito cuidado. As filhas foram dadas em matrimônio aos membros mais destacados do Senado, unindo a família imperial e várias famílias senatoriais, como os *Claudii Severi* e os *Claudii Pompeiani*. Apesar de Herodiano destacar o “caráter ordenado e a vida sóbria” dos genros (Herodiano, *História do Império Romano após Marco Aurélio*, I.2.2), o estudo epigráfico revela que todos foram Cônsules. Cneu Cláudio Severo se casou com Ânia Galéria Aurélia Faustina; Lúcio Vero com Ânia Aurélia Galéria Lucila; Marco Peduceu Plaucio Quintilo com Ária Fadila; Marco Petrônio Sura Mamertino com Cornifícia; e Lúcio Antistio Burro com Vibia Aurélia Sabina. A esposa de Cômodo, Crispina, também pertencia a uma importante família, a dos *Brutii Presentes*, pois era filha de Caio Brutio Presente, *amicus* de Marco. Assim, vemos como o Imperador soube se cercar de membros da ordem senatorial em sua própria casa.

A imagem de Marco como construída por Herodiano é a de um soberano magnânimo e moderado, com comportamento digno e prudente ao viver. Cita vários discursos e escritos que teriam chegado a sua época, que demonstravam que cultivava todas as virtudes e que seria um enamorado da literatura antiga, tanto em grego quanto em latim: “Foi o único Imperador que deu credibilidade à sua filosofia não por suas palavras ou conhecimentos, mas por sua prudente forma de viver” (Herodiano, *História do Império Romano após Marco Aurélio*, I.2.3-4).

Imagem muito semelhante é formada no discurso diôneo. Ela ocupa os epitomes dos livros 71 e 72 da obra *História Romana*, refeitos basicamente a partir dos apontamentos de Xiphilino. O primeiro atributo elencado é exatamente o de filósofo: “Marcus Antoninus, o

filósofo, obteve o poder após a morte de Antoninus, seu pai adotivo, tendo como colega no poder Lucius Verus, filho de Lucius Commodus” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXI.1.1). A partir do termo “o filósofo”, Dion ressalta sua devoção às letras, ao estudar muito e ao produzir muitos escritos, citando dois de seus maiores mestres: Sextus da Beócia e o retórico Hermógenes, em contrapartida à imagem de Lúcio Vero, jovem talhado na arte militar (Dion Cássio, *História Romana*, LXXI.1.3). Ambos souberam se cercar dos melhores líderes “sob seu comando pessoal” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXI.2.2). No discurso diôneo é sempre destacada a importância de quem cerca o Imperador, de quem lhe tem acesso. Para Dion, após vencer os Partos, Lúcio se envolveu num complô contra Marco e acabou tendo que tomar veneno, posição que não aparece em todas as fontes (Dion Cássio, *História Romana*, LXXI.3.1).

As principais informações relatadas na obra diônea dizem respeito às contendas militares travadas por Marco. O autor parece sempre surpreso por um homem de letras, um filósofo, ter conseguido não apenas manter o território imperial, como ter expandido os laços com os bárbaros, que habitavam próximo dos *limites*. Sabendo lançar mão dos melhores generais de seu tempo, bem como alternando empreendimentos bélicos com tratados de paz, Marco teria conseguido manter uma certa estabilidade de governo mesmo com tantas tentativas de invasão. Teve que lidar com Marcomanos, Longobardos, Quados, Obios, Iazígios e Germanos, mas soube indicar os principais comandantes e governadores de província. Por exemplo, Iallius Bassus, Governador da Panônia, foi fundamental para conter as investidas de Ballomarius, rei dos Marcomanos, na região do Ístrio (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.1.1). Quando os germanos cruzaram o Reno, Marco foi correto ao enviar Pompeianus e Pertinax, futuro Imperador, para contê-los (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.1.2). Dion sempre enfatiza três elementos responsáveis pelas vitórias: o apoio das divindades, a boa escolha dos generais e a garantia da fidelidade dos soldados pela concessão de donativos.

Numa nova investida dos Marcomanos, Marco enviou o Prefeito do Pretório, Marcus Vindex, que alcançou uma grande vitória, que lhe valeu a produção de três estátuas em sua honra e a concessão do título de Germânico para o Imperador (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.3.3). Dion ressalta que Marco escolheu bem ao mandar Vindex, pois o outro Prefeito do Pretório seria Bassaeus Rufus, um homem de origem rústica, pouca educação e que havia sido muito pobre na juventude, e que só contava com a Fortuna a seu favor (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.5.3). Trata-se de um pensamento típico do relato diôneo, no qual a riqueza é apanágio das boas intenções e das melhores virtudes.

Numa das passagens mais conhecidas do relato diôneo, temos a inclusão de um comentário direto do epitomador Xiphilino. Trata-se da narrativa de uma das batalhas travadas contra os Quados. Segundo Dion, os romanos estavam em menor número, sedentos e enfraquecidos por lutarem sob um sol muito forte. De repente, várias nuvens apareceram no céu, tapando o sol. Enquanto chovia sobre as tropas romanas, matando sua sede, caíam raios e trovões sobre os Quados, desencadeando inúmeros focos de incêndio. Teria sido uma interposição divina gerada pelo mago egípcio Arnuphis, que acompanhava Marco e que por meio de vários encantamentos invocou Hermes/Mercúrio, deus do ar, que trouxe a tempestade. Neste ponto do relato, Xiphilino insere um comentário: Dion teria errado intencionalmente ou não. Esta legião passou a ter o nome especial de Legião do Trovão por causa deste incidente, mas ele não se deu por intervenção de um mago, mas sim pela ação do próprio Cristo, a partir do pedido feito por soldados vindos de Melitene, que seriam cristãos. Por isso, Marco teria honrado os cristãos com um decreto oficial, citado em suas cartas (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.8.1-4 e 9.1-6).

Marco foi aclamado *Imperator* várias vezes, mas só aceitava honras depois delas terem sido votadas no Senado. Faustina, sua esposa, recebeu o título de “mãe das guarnições militares” (*Mater Castrorum*) (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.10.5). Segundo Dion, o Imperador citava *As Suplicantes* de Eurípides ao repetir que “Muitas coisas ruins a guerra trazia em seu bojo” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.14.1), indicando que preferia a ordem e a tranquilidade das ocasiões pacíficas, que eram mais facilmente controláveis.

Contudo, Marco também enfrentou uma tentativa de usurpação, que partiu de Cassius, Governador da Síria, quando Cômodo em Roma tomou a *toga virilis*. Cassius, que era sírio da cidade de Cyrrhus, era filho de Caius Avidius Heliodorus, que havia sido Governador do Egito, teria se aproximado de Faustina, propondo-lhe casamento assim que Marco morresse, para que pudesse ascender ao comando imperial ao invés de Cômodo. Faustina teria, segundo Dion, secretamente induzido Cassius a pensar que aceitaria sua proposta, por achar Cômodo muito jovem. Divulgou-se, então, um rumor de que Marco havia morrido e sem confirmar a informação, Cassius se fez proclamar Imperador pelas legiões estacionadas na Panônia. Marco foi informado do sucedido por Verus, Governador da Capadócia. Oficialmente convidou Cassius a vir a Roma para se explicar perante o Senado, já que ele havia sido fundamental para as vitórias obtidas frente aos Árabes e aos Partos. Entretanto, um centurião, chamado Antonius, matou Cassius, antes que ele chegasse a Roma. Sua cabeça foi cortada e enviada para Marco. Com a morte de Faustina, toda a sua correspondência foi destruída e

nunca se soube se ela realmente havia aceitado a proposta de Cassius (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.22.1-3; 23.1-3; 24.1-4; 25.1-3; 26.1-4).

No meio deste relato, Dion insere o texto de uma carta que Marco teria lido para os soldados da Panônia e enviado para o Senado. Nela, enfatiza as dificuldades de se governar o Império: “Sou um homem velho e frágil, e estou sempre comendo sem pão e não consigo dormir sem ansiedade” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.24.4). Apresenta Cassius como um amigo (*philon*) que traiu os princípios da amizade e da lealdade (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.26.2). Apesar de estar se preparando para lutar contra Cassius, Dion ressalta que Marco não aceitou qualquer assistência bárbara, mesmo muitos tendo oferecido seus serviços, mas declarou que bárbaros deveriam ficar fora dos conflitos travados entre romanos (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.27.1). Marco exercitou também sua *clementia* ao perdoar vários Senadores que haviam apoiado Cassius. Flavius Calvisius, por exemplo, Governador do Egito, foi exilado para uma ilha. De igual maneira, os papéis encontrados com Pudens, secretário de Cassius, foram destruídos, para que não pudessem implicar Senadores e cortesãos no complô (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.29.1-2).

Marco não se deixava levar por conspirações imaginárias ou usava qualquer tragédia para punir inimigos. Tratando com generais (*estrategos*), funcionários do Estado (*demagogos*) ou reis (*Basileus*), todos deveriam explicar suas ações frente ao Senado e poderiam ser poupados (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.30.3). Em agradecimento os senadores (*Boulê*) decretaram que se erigissem estátuas de prata de Marco e Faustina no Templo de Vênus/Afroditê e Roma e que uma estátua feita em ouro de Faustina desfilasse numa biga nos espetáculos do Teatro e do Anfiteatro (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.31.1-3). Mesmo triste com a viuvez, Marco foi a Atenas para se iniciar nos Mistérios de Elêusis e aproveitou para criar um salário anual para os professores atenienses (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.32.1). Exerceu sua *liberalitas* enviando dinheiro para várias cidades, principalmente Smyrna, que havia sido destruída por um terremoto. Quando precisou se ausentar de Roma para lutar contra os Citas, resolveu dar ao filho uma esposa, Crispina. Vendo que o Tesouro começava a esvaziar, resolveu aumentar os tratados de paz com os bárbaros. A uns concedia a cidadania, a outros a liberação de impostos, taxas e tributos (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.33.1-3).

Dion enfatiza que mesmo com tantas guerras, Marco não diminuiu sua participação nos julgamentos públicos. Julgava com tanta parcimônia e cuidado que por vezes demorava-se de 11 a 12 dias para se ditar uma sentença (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.6.1). Mesmo sendo um homem de compleição frágil, Marco passava frio ao lado dos soldados,

comia pouco e dormia poucas horas. Desenvolveu problemas de estômago e no tórax e foi obrigado a tomar um remédio (*phármacos*) denominado teríaco (*Theríakou*).

Morreu com cinquenta e oito anos, após sete dias de agonia, junto ao Danúbio, na campanha da Panônia, devido à pestilência que se alastrava entre os legionários. Para Dion, os médicos (*físicos*) consideraram que a morte de Marco agradaria a Cômodo (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.34.1). Herodiano, por sua vez, enfatiza a preocupação de Marco em indicar o filho como sucessor:

Suspeitando que as esperanças de se restabelecer eram escassas e vendo que seu filho era ainda muito jovem, teve medo que ao encontrar-se órfão tão jovem, com o poder absoluto e sem limites nas mãos, rechaçasse os bons costumes e ensinamentos e se entregasse a bebedeiras e desordens, pois facilmente as almas dos jovens se deslizam em direção aos prazeres e se afastam dos hábitos honestos de sua educação (Herodiano, *História do Império Romano após Marco Aurélio*, I.3.1-2).

Interessante como Herodiano passa a arrolar exemplos de soberanos que haviam ascendido ao poder muito jovens e que por isso teriam cometido excessos frente aos seus súditos. Ele cita Dioniso, tirano da Sicília; os sucessores de Alexandre Magno, principalmente Ptolomeu, que chegou a se casar com uma irmã, e Antígono, que se vestia como o deus Dioniso, portando uma coroa de folhas de parreira e um tirso; Nero, que teria assassinado a própria mãe; e Domiciano, que agia com extrema crueldade (Herodiano, *História do Império Romano após Marco Aurélio*, I.3.2-4). Assim, para este autor, Marco não poderia ser responsabilizado pelo mau governo de Cômodo, pois a doença o havia retirado do mundo dos vivos e o impedido de melhor preparar Cômodo para a tarefa de governar os romanos. A juventude do soberano é que seria a real causa de seu mau governo.

Num discurso proferido para os soldados e enviado em carta para o Senado, logo antes de morrer, Marco teria afirmado que:

Nem a abundância do dinheiro é bastante para a insaciabilidade da tirania, nem a proteção da guarda é suficiente para proteger o governante se não se conta com o afeto dos súditos. (...) É difícil guardar medida e por limite às paixões quando se tem o poder nas mãos (Herodiano, *História do Império Romano após Marco Aurélio*, I.4.4).

Foi Cômodo quem procedeu às exéquias imperiais, distribuindo dinheiro para os soldados e executando sacrifícios durante os funerais (Herodiano, *História do Império Romano após Marco Aurélio*, I.5.1-2). No início cercou-se dos conselheiros e amigos de

Marco e, num discurso proferido às tropas, indicou que preferia ser chamado de “companheiro em armas” (*systratiotes*) pelos legionários do que ser lembrado somente como filho de Marco, pois teria sido a Fortuna (*Tyché*) quem dispôs que ele governaria o Império (Herodiano. *História do Império Romano após Marco Aurélio*, I.5.3), já indicando que ao começar o seu governo teria que refazer todos os laços de clientela e *amicitia* para ter sustentação para governar o patrimônio imperial.

Dion enfatiza que Marco possuiu todas as virtudes de um bom Príncipe, governando melhor que qualquer outro (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.34.2). Não realizou grandes proezas físicas, visto que possuía um corpo frágil, mas teve sua vida devotada à distribuição de benesses. Por isso, erigiu um templo dedicado à *Liberalitas* e à *Indulgentia* no Capitólio. Sua educação teria sido de grande importância para ele, mantendo um eficaz impulso em direção às virtudes. Soube se cercar dos melhores homens da Casa de Tibério (*Tiberiane Oikía*) (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.35.4). Vestia-se como um cidadão privado, recebia amavelmente os Cavaleiros e escrevia múltiplas cartas para os amigos, buscando, assim, agradar a membros de vários estratos sociais. Dion expressa claramente sua opinião sobre Marco: “Eu o admiro mais que todos, pois apesar de ter enfrentado extraordinárias dificuldades, ele soube sobreviver e preservar o Império” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.36.4). Como Herodiano, lamenta que Cômodo o tenha sucedido, pois teria sido “fonte de vários desapontamentos” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXII.36.4).

Portanto, a imagem construída por Herodiano e Dion Cássio do governo e das ações de Marco Aurélio é altamente positiva. Os autores fornecem informações complementares, pois enquanto Herodiano se ocupa da educação de Marco e de sua relação com as famílias senatoriais, Dion ressalta seus sucessos bélicos, garantidos exatamente por sua educação superior e suas relações de poder com os melhores e mais capazes homens do Império. Por meio destes dados, pode-se perceber como Marco foi considerado um bom Príncipe por ter conseguido manter a estabilidade apesar de todas as batalhas que teve que enfrentar ao longo de seu governo.

Bibliografia

Duby, G. (1993). *A História Continua*. Rio de Janeiro.

Cassola, F. (1967). *Introduzione. Storia dell'Impero Romano dopo Marco Aurelio*. Firenze.

Chastagnol, A. (1970). “L'Évolution de l'Ordre Sénatorial aux III^e et IV^e Siècles de notre ère”, *Revue Historique* 496, 305-314.

- Cizek, E. (1990). *Mentalités et Institutions Politiques Romaines*. Paris.
- De Blois, L. (1994). "Traditional Virtues and New Spiritual Qualities in Third Century Views of Empire, Emperorship and Practical Politics", *Mnemosyne* 47, 166-176.
- Hammond, M. (1957). "Composition of the Senate A.D. 68-235", *Journal of Roman Studies* 47, 74-81.
- Hose, M. (2007). "Cassius Dio: A Senator and Historian in the Age of Anxiety", en Marincola, J. (ed.), *A Companion to Greek and Roman Historiography*, London, 461-467.
- Konstan, D. (2008). *A Amizade no Mundo Antigo*. São Paulo.
- Manning, C. E. (1985). "Liberalitas - The Decline and Rehabilitation of a Virtue", *Greek & Rome* 32, 73-83.
- Mazzarino, S. (1974). *Il Pensiero Storico Classico*. Roma.
- _____. (1991). *O Fim do Mundo Antigo*. São Paulo.
- Millar, F. (1992). *The Emperor in the Roman World*. London.
- Roques, D. (1990). "Introduction", en *Histoire des Empereurs Romains*. Paris, 1-15.
- Saller, R. (1982). *Personal Patronage under the Early Empire*. Cambridge.
- _____. (1990). "Patronage and Friendship in Early Imperial Rome: Drawing the Distinction", en Wallace-Hadrill, A. (ed.), *Patronage in Ancient Society*, London, 49-62.
- Talbert, R. J. A. (1984). *The Senate of Imperial Rome*. Princeton.
- Torres Esbarranch, J. J. (1985). "Introducción", en *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*, Madrid, 7-84